

CHAMADA PARA A AMÉRICA

Maria do Rosário Girão Ribeiro dos SANTOS¹

RESUMO

Sem descurar o conceito plural de açorianidade(s) e a controversa designação de literatura açoriana, quedar-nos-emos no fenómeno migratório, mais osmótico hodiernamente do que no antanho, e subsequente interculturalidade, à sombra da geocrítica e geopoética. Revisitando a obra de Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa e Onésimo Teotónio Almeida, deparamos com a criação de ‘tipos’ inolvidáveis, passíveis de uma representação plural de duas culturas em movimento. Por um lado, o êxito da aculturação socioeconómica, veiculando quer o dialogismo equilibrado (visível na partilha equânime dos espaços culturais de vivência), quer o conflito assumido, conducente à repulsa pelo lugar de memória, ao repúdio pela língua mátria e à assunção de uma alteridade falaciosa como avatar de uma identidade reprimida; por outro, a temida desterritorialização, tendendo para situações existenciais problemáticas, oscilando entre a urgência de suprir a insuficiência de vida carregada pela insularidade e a sempiterna insatisfação a que preside a nostalgia da *Insula*. Balizada diacronicamente pelos transportes (do *salto* ao avião), metonimizada pela variável dimensão dos baús e emblematizada pela inevitabilidade das interferências linguísticas, esta reterritorialização parece firmar a hegemonia da América, contraditada pelo triunfo da Ilha aquando da repatriação, regresso ou retorno, do emigrante/imigrante.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário; mito; interculturalidade; identidade; diálogo.

ABSTRACT

Keeping in mind the plural concept of Azoreanness(es) and the controversial designation of Azorean literature, we will focus on the migratory phenomenon, more osmotic today than in the past, and on its subsequent interculturality, in the light of geocriticism and geopoetics. As we revisit the work of Dias de Melo, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa and Onésimo Teotónio Almeida, we are faced with the creation of unforgettable ‘types’ that provide manifold representations of two cultures in motion. On the one hand, the success of socioeconomic acculturation, conveying both a balanced dialogism (visible in the equanimous sharing of cultural living spaces) and an admitted conflict, leading to an aversion to the place of memory, a rejection of the mother tongue and the assumption of a fallacious alterity as the avatar of a repressed identity; on the other hand, the feared deterritorialisation, tending to lead to problematic existential situations, oscillating between an urgency to compensate for the insufficient nature of a life marked by insularity and a sempiternal discontentment determined by the nostalgia of the *Insula*. Diachronically delimited by the transport available (from the *leap* to the plane), metonymised by the variable size of the trunks, and emblematised by the inevitability of linguistic interference, this re-territorialisation seems to consolidate the hegemony of America,

¹ UM, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Românicos, Rua Conselheiro Costa Aroso, nº 851, r/c, 4470-590 Maia, Portugal, rosario_santos@ilch.uminho.pt.

contradicted by the triumph of the Island at the moment of the repatriation, homecoming or return, of the emigrant/immigrant.

KEY-WORDS: imaginary; myth; interculturality; identity; dialogue.

Escrever sobre a diáspora açórica, mais transoceânica do que intraeuropeia, implica explorar, numa fase inicial, o imaginário do país de acolhimento, também designado por país recetor ou de destino; atentar, numa segunda etapa, nos paradigmas da mobilidade física que, sujeitos a involuções e evoluções diacrónicas, se firmam em termos socioliterários; abordar, num terceiro momento, o fenómeno plural da miscigenação ou, por outras palavras, a representação literária multifacetada de uma realidade sociolinguística em mutação, porquanto resultante de duas culturas em diálogo e/ou conflito. Partindo do conceito de emigração como mito ou do de mitos da emigração, na perspectiva de Eduardo Lourenço, detenhamo-nos nos quatro mitemas subjacentes ao imaginário americano, configurado pelo cruzamento da religiosidade messiânica, da política puritana e do materialismo hedonista (WUNENBURGER, 2013: 107). Se o primeiro item desta mitanálise americana corresponde ao maniqueísmo ontológico e moral, conducente à vitória do Bem pela via da salvação e do resgate, reside o segundo no matriarcado social, na imagem materna ou “Mom”, ao simbolizar a segurança e a fartura, geradoras da sociedade de consumo. Quanto ao terceiro elemento mítico, ele equivale à fusão comunitária, cimentada pela igualdade e subsequente transparência pública, suscetíveis de desembocarem na quarta característica, consistindo no culto do dinheiro encarado numa dúplice vertente oximórica: com efeito, o dólar (a “dola” ou a “dolazinha”) tanto simboliza o vício e a indignidade como a virtude e o trabalho, fazendo jus ao seu estatuto ambivalente de *pharmakon*, remédio e veneno em simultâneo. Assim se explica que o sintagma cliché “sonho americano” congrace o triunfalismo pragmático (“self-made man”), o lesto enriquecimento (“to make money”) e a profissão de sucesso garantido (“Businessman”).

Após este escorço confrangedoramente incompleto das metas promissoras oferecidas pelo Novo Mundo, quedemo-nos nos matizes semânticos do lábil campo lexical da migração, secundarizando o conceito de assimilação – por carrear uma hegemonia algo avassaladora, não raro imposta –, o de aculturação – por denotar o prolongamento temporal de uma situação regida pela continuidade –, o de “melting-pot” – por se afigurar utópica a possibilidade de esbater a antinomia identidade/alteridade (o

estilhaçamento do “self” ou o desencontro do *eu* consigo mesmo) – e o de multiculturalismo, gorado à partida pela proeminência de uma dada cultura que, endêmica e gradualmente, se vai impondo. A este respeito, a perspectiva intercultural não deixa de se afigurar relevante, ao partir do princípio de que “é a sociedade como um todo, nas suas componentes maioritária e minoritária(s), que deve participar ativamente no processo de integração destas últimas” e ao advogar que “as identidades em presença não se devem encarar como identidades estáticas mas antes dinâmicas” (ROCHA-TRINDADE, 2015: 626-627). Nesta conjuntura, cumpre relembrar e adaptar dois conceitos forjados por Michael Balint (1959), ocnofilia e filobatismo, incidindo sobre duas atitudes diametralmente opostas: a primeira, afeiçoada ao seguro e ao estável, coleciona no desterro objetos povoadores de solidão; a segunda, avessa a laços afetivamente duradouros, almeja por se libertar dos mesmos, o que mais não é do que uma forma diferente de lidar com a angústia. No que à migração diz respeito, se os ocnofílicos, arreigados aos seus espaços de origem, manifestam relutância confessa em partir, os filobáticos, em contrapartida, não hesitam em demandar novos horizontes, suscetíveis de preencherem três condições fundamentais: “que incluam uma meta que implique um certo risco, que permitam a actuação voluntária de se expor a esse risco e a expectativa (por vezes onnipotente) de que vencerão o perigo.” (GRINBERG, 1996: 35).

Prosseguindo no imaginário americano com vista a corroborar a secularidade migratória dos ilhéus açorianos, duas razões parecem justificar em pleno, na ótica de Cristóvão de Aguiar,² Autor de *Raiz Comovida*, a largada para a América, residindo a primeira na premência de sobreviver em tempo de crise – não raro espoletada por cataclismos vulcânicos –, que se intenta superar, e aparentando-se a segunda com a ambição emuladora, desaguando numa supremacia socioeconómica não isenta de vindicta.

“(…) nesse tempo (...) se não fosse o Brasil e a terra da América, muitas famílias tinham morrido de fome e de frio; (...)” (AGUIAR, 2015: 99).

“Os antigos paroquianos da freguesia da Boa Viagem (...) almejavam vir a ser como os patrões ricos da Ilha, de quem um dia tinham sido escravos.” (*idem*: 350).

Esta dualidade intencional inerente ao êxodo açoriano (e à diáspora em geral...), focalizado extra e intramuros, de fora e de dentro (BETTENCOURT, 1999: 64), parece

² Ver a entrevista que nos foi concedida pelo Escritor (Anexo 1).

martelar a “hemorragia para a América do Norte” (AGUIAR, 2015: 236), sistematicamente caracterizada por dois tempos de compasso. Sucedânea do Brasil, destino de eleição na obra de Vitorino Nemésio (professor na Bahia e no Ceará), a América, para José Martins Garcia, não só se subdivide na América de Baixo, tendo como emblema New Bedford, e na América de Cima, considerada um paraíso californiano, mas também, e no tocante aos seus filhos adotivos, em duas categorias: a dos “amarkianos” (provenientes da América de Cima) e a dos “bambas” (oriundos da América de Baixo) (GARCIA, 1997: 50). Todavia, mediante especularidade dilucidativa, o Novo Mundo pode ser divisado na Base Aérea da Terceira, designada por “América pequenina”, modelando os vales de S. José e de S. Joaquim, na Califórnia, a “décima ilha” (segundo Onésimo Teotónio Almeida), qual enclave açoriano no macrocosmo estrangeiro.

Interrompido durante a Primeira Guerra Mundial e reatado após a “Great Depression”, o paradigma tradicional do fluxo migratório não deixa de se firmar com o salto (clandestino) dos baleeiros insulares (considerados por Herman Melville, em *Moby Dick*, os melhores do mundo), retratado com mestria na trilogia de José Dias de Melo: *Mar Rubro*, *Mar pela Proa* e *Pedras Negras*. Mediante uma escrita cinematográfica, escandida no “zoom” por planos sucessivamente bem delineados, ‘filma’ o Escritor, quais fotogramas micronarrativos, as casas dos botes, os vigias perscrutadores do mar, o alarme das baleias à vista e o duelo entre o homem e o cetáceo ensanguentando o oceano: “Os nossos botes perseguem-na [a baleia]. (...) O sangue jorra (...) O mar já não é azul. (...) torna-se vermelho (...) sombriamente rubro (...) Pobre gigante vencido! (...) Não tarda a morrer. (...) Morreu...” (MELO, 2008: 164-165).

Paralelamente a esta errância marítima, o rancho, avatar das companhias baleeiras, repassa, em *Raiz Comovida*, as “istórias antigas” (AGUIAR, 2015: 153) narradas por Ti José Pascoal e pelo avô de Fernando: com efeito, tanto um rapaz da freguesia, de nome Eugénio, como os tios do protagonista tinham arranjado trabalho numa “*farme* de reses” ou numa “grande *farme* de reses” (*idem*: 30 e 32). Mourejar, aliás, no sossego da(s) “*farme* (s)”, sita(s) para os lados de “Noiorca”, afigurava-se bem mais apetecível do que ficar por “Batefete, uma babilónia de barulhama” (*idem*: 32). Fora nessas paragens, onde vivera cerca de vinte e cinco anos (*idem*: 339), que Vavô Samuel havia adquirido “outra largueza de vistas”, ditando-lhe o anelo de construir no espaço insulano uma “casa diferente das da freguesia” (*idem*: 341) e levando-o a distanciar-se do gueto português, o qual persistia na regressão ao retomar, na “estranja”,

“costumes ainda mais antigos do que aqueles que na Ilha vigoravam” (*idem*: 349). Só o Pai do narrador se ia lamuriando por não ter podido embarcar rumo ao continente matriarcal, “onde os padrecas não têm autoridade nenhuma” (*idem*: 302), devendo, por conseguinte, permanecer no patriarcado insular, onde pareciam detê-la.

Respondendo à “Chamada” dos familiares embarcações recém-chegados (como à do Ti Dinis, personagem de *Raiz Comovida*) ou à de amigos de longa data residentes, eis que se assiste à semiologia da largada, que ora se pretende espalhafatosa, conforme à mentalidade estreita da *insula*, como se deseja veloz, movida pelo sortilégio da aterragem. Vale a pena analisar, conquanto de modo superficial, a hipotipose do embarque marítimo, cena teatral externamente focalizada por Cristóvão de Aguiar: é a “correria, louca, dos que ficaram até à ponta da doca”, é a “gritaria e lágrimas de atroar céus e terra” no molhe e no convés, é o bando de “lenços acenando aos passageiros debruçados na amurada do vapor, beijos atirados na ponta dos dedos”, culminando o espetáculo no ritual dos três berros, indiciadores da desatracação do navio e do seu paulatino afastamento no horizonte, metonimicamente traduzidos pelos “pontos negros” (2015: 445) em que se vão convertendo os emigrados – “*Lá vai um vapor levantando ferro para a terra da América...*” (*idem*: 445). Bem mais modesta parece ser a descolagem do “aviãozinho da Sata” (*ibidem*) em direção à ilha de Santa Maria, onde passa faustosamente testemunho ao “Super Constellation”, transportando os passageiros em trânsito até Boston, sinédoque de um continente “Fruto da fé, do dólar e da fartura.” (1994: 89). No entanto, até a “casca de noz” metaforizando o avião da companhia aérea açoriana incute pânico indescritível à Margarida do Troca, que se não inibe de alertar o comandante para a catástrofe que ela julga iminente: “Até Santa Maria gritou, *Ó senhor piloto, volte p’ra trás; se não, vamos cair no mar não tarda muito...*” (*idem*: 446).

Tão ou mais aparatoso do que o ato da partida dá a sensação de ser o cenário da distribuição do correio, reconhecido pelas riscas vermelhas e azuis dos envelopes à mistura com os avisos da Alfândega (*idem*: 290), bem como o da chegada salvífica do baú ou caixote, o primeiro arauto do segundo e ambos, no sólito binarismo que temos vindo a comentar, revitalizando imagologicamente a América como “terra tão abençoada por Deus” (*idem*: 281). Além do mais, a roupa que chegava ainda era passível de subdivisão, como lembra Manuel Tomás Costa: as beldades que vinham das Ribeiras vestiam “a boa [roupa], nova e asseada, enquanto a maioria da população” envergava a “já passada de tempo, embora ainda muito útil” (COSTA, 2015: 34). Um episódio lúdico ao serviço da sátira social matreirinha tem como gênese a confusão,

aquando do cerimonial da abertura do caixote americanamente olorado, que faz Ti São Brás no que diz respeito a um objeto kitsch, pobre coisa grotesca mediadora de desejo, “souvenir” produzido em série, industrialmente fabricado e fazendo alarde de qualidade dúbia e mau gosto declarado, pela pretensão de eternizar a memória de um Presidente assassinado armazenada num continente volátil (frasco de alfenim) primando pela vulgaridade do conteúdo. Na verdade, esse busto de Lincoln, “que servia de frasco de água-de-cheiro” (*idem*: 295), tido por imagem santa, confundido com a figura de São Joaquim, atendendo, porventura, à sua cor branca, e posicionado junto da Senhora do Bom Despacho, irá, posteriormente, receber a bênção do senhor Padre islenho. Esta confusão/fusão (o contraste aviltante, de cariz cómico, entre o sagrado e o profano) que a sinédoque e a metonímia expressam e que o cheiro ou aroma emblemizam, subjaz, igualmente, ao maço de cigarros americano, a propósito do qual Vavô Samuel, findo o período migratório, não se coíbe de opinar: “*Está, aqui, inteira, a terra da América...*” (2015: 351).

Mas, e parafraseando José Martins Garcia em *Contrabando original* (1987: 67), como decorriam os dias nessas terras americanas? Como se divertiam aos domingos? Como se entretinham nos feriados? Apátrida, porquanto bipartido entre dois universos, e bipátrida, ao comungar de duas culturas, o estatuto do migrante insular permanece inalteravelmente dual: apresta-se, todavia, esta bivalência a operar em sentido contrário através de uma transposição/inversão irónica. Assim sendo, o luso-americano, que deveria ser ou parecer, à partida, lusitano na Ilha e americano na América, torna-se ilhéu na América – “Quem quisesse matar saudades desse tempo [mulheres nas soleiras das portas] teria de tirar-se de cuidados e dar um *raide* a Warwick, cidade onde se estabelecera uma densa comunidade açoriana, sobretudo de povo oriundo de Rabo de Peixe.” (AGUIAR, 2015: 314) – e americano na *insula*. Por tal razão, “o dólar devia descer para o valor do escudo (...) para que não viessem da terra da América certos figurões, inchados que nem perus, arrotar prosápia para a ilha.” (AGUIAR, 2003: 40).

A par da fundação de ‘comunidades’ vão surgindo a criação de Clubes e a inauguração de cafés, os quais, ratificando a imperdível rotina, de perda imperdoável, pontilham a cartografia californiana. Acompanhemos de perto o fluir dos tempos de lazer de Ti Perpétua: no Clube do Senhor Santo Cristo, bebia “o seu quartilho de vinho de cheiro legítimo com um petisco de chouriço”; no verão, “safava-se para o Canto da Fonte da *Constitution Street* (...) onde muita gente das Ilhas, sobretudo de Santa Maria, tinha o seu poiso diário. Sentavam-se nos bancos dos passeios, debaixo dos Áceres”;

ouvira, na grafonola, o “hino do Senhor Santo Cristo pela Banda Regimental e outras peças de arraial executadas pela filarmónica de mestre Caiador da Lagoa.” (AGUIAR, 2015: 314-315). Numa incipiente análise do discurso, atente-se no hábito gastronómico lusitano, sobrelevado pelo adjetivo “legítimo”, na modalidade de repouso dominical, que o conforto do banco à sombra da árvore estrangeirada traduz, e na audição solitária de música popular açórica. Nos antípodas da desterritorialização de Ti Perpétua erige-se a territorialização de Vavô Samuel: o primeiro (Ti Perpétua) retorna à Ilha, “arrimado à bengala de buxo e pendurado no cachimbo de osso de baleia” (*idem*: 313), objetos genuínos carregados de simbologia existencial e testemunhos fidedignos do amor à ‘Raiz comovida’; o segundo (Vavô Samuel), na Ilha, solicita aos filhos que transladem os seus restos mortais para o cemitério de Newport, porquanto “Já que não tive a dita de lá acabar, ao menos a eternidade” (*idem*: 356). Dependendo do maior ou menor grau de americanofilia, volvendo-se, às vezes, em americanomania, novas identidades se forjam sobre resquícios identitários que urge atualizar, espelhando, no que à onomástica e à toponímia diz respeito, o carácter dual dos barthesianos “seres de papel” em contexto migratório. Se Ti José Luís havia ampliado o nome do seu “botequim imundo”, agora designado por “Bristol Club and Band of our Lady dos Prazeres” (*idem*: 350), a meio caminho do Clube e da Banda, (in)equivocamente apadrinhada, Joe Perry, o marido defunto de Deolinda especialista no envernizamento de chouriços, fora o digno proprietário de “Perry’s chouricos and linguicas” (1994: 118). Além do mais, e antes da cidadania americana, era conhecido na *insula* por “José Pereira Assoprado” (1994: 116), à imagem de William Cavallo, “descendente de um Carvalho da Ilha” (*idem*: 155), bem como de um John De Suza, que talvez tivesse sido o açoriano João de Sousa, com ou sem preposição, maiusculamente grafada e de teor algo nobiliarquizante. Exemplo singular de identidade única, e não dupla, parece ser o do Sr. Afrânio Coutinho, que vira gorada a junção do seu nome próprio americanizado, “Afranio’s”, à firma industrial “William’s Cotton Mill, Co.”, e que, no seguimento da queda de uma mosca num bife com um ovo a cavalo, se havia tornado o precursor de bem fundamentada teoria sobre a emigração.

“ – Ninguém me tira das ideias, meus senhores. Mas ninguém. Tanto as moscas como as baratas. Já se começam a ver na terra da América. Ninguém me tira das ideias que não foram levadas pelos emigrantes das Ilhas. Gente mais *dirty* outra igual no mundo não conheço. Levam-nas nas malas e nos forros dos casacos. E chouriços também. Sou ainda do tempo. Santo tempo esse, em que não se enxergava uma

só mosca em toda a terra da América. Depois que a emigração abriu as pernas, foi uma enchente de mosquedo e barataria, só visto. É bom que se saiba que nada tenho contra as novas leis da emigração. Quanto mais gente vier para a América, menos míngua haverá nas nossas Ilhas...” (*idem*: 163-164).

Por um lado, patenteia a América a sua generosidade ao acolher e sustentar os seus filhos de adoção, minguidos no espaço insular; por outro, esta sua magnanimidade é contracarreada pela indesejável invasão de viajantes clandestinos, como os dípteros, os ortópteros e os intrometidos chouriços. Também os topónimos vão levemente conhecendo uma deturpação semântica e fonética digna de relevo: assim sendo, New Bedford torna-se “Batefete”, transmutando-se Fall River em “Forrível”. Reagindo à dualidade que preside a este vaivém, a *insula*, desconfiada, invejosa e vingativa, detentora de uma idiossincrasia chamada açorianidade, aprende a retorquir dualmente. Assim é que Mary/Maria de Fátima, casada com Joe/José, toma consciência, após a segunda e última visita à Ilha, da metamorfose comportamental operada pelos ilhéus que, terminada a era das novidades migradas em baús e caixotes, sacos e malas, encaram os intrusos como “praga de escaravelho” e “moscas de verão” (OLIVEIRA, 1999: 195), passando, destarte, a ilha a retribuir aos ‘expatriados’ o internacional muscideo, que não é, mas, curiosamente passa a ser, seu apanágio. Mais grave, todavia, no tocante ao afunilamento segregacionista, não deixa de ser o caso do narrador açoriano de *Céu nublado*, apodado *O Português*, por viver no Continente e não residir na Ilha: “Este é o meu povo, e o meu povo não quer saber de mim.” (SANTOS, 2016: 104). A base do tratamento diferenciado (e a diferença é sinónima de marginalização e exclusão) reside na súpula de costumes adquiridos que subjazem a mundividências distintas: afinal, os recém-chegados já não reconhecem a tradicional “selhinha de lavar os pés” (1987: 48), retratada por José Martins Garcia, nem o “banquinho rasteiro de castanho” (2015: 187), revisitado por Cristóvão de Aguiar, deleitando-se em propagar o usufruto do seu mais moderno avatar, a banheira americana, que os nativos, impossibilitados de partir por acaso e/ou por fatalidade, encaram com invejidade. Tal cobiça, ao alastrar-se, estende-se aos carros, “quase do tamanho das nossas camionetas de carreira” (AGUIAR, 2015: 282), bem como, em matéria de domoanálise, à cozinha, “verdadeira sala de visitas”, e ao quarto de banho, “uma espécie de salão paroquial” (*ibidem*), que ditam aos de fora da terra arribados à terra “mundos e fundos da terra da América” (*idem*: 212). Punitiva, travando o avanço da História e assumindo-se não histórica ou extra-histórica, a *insula* desforra-se ao enraizar-se no imo dos

voluntariamente retornados como ausente, excedentária e perdida: enquanto a viúva de Joe Perry só com sorte poderá reencontrar, em qualquer maré-vaza, a Ilha que se deliu no mar ignoto, Manuel Reigó, seu parceiro em trânsito, manifesta-se apreensivo quanto à indecisa localização geográfica da ilha que havia abandonado, uma ilha tão-só dele conhecida e tão-só por ele estimada a partir do momento em que dela se havia apartado. Assim se soergue a Ilha mítica, no seu recuo relativo à História, como espaço interior e paradisíaco, como lugar de memória ontológico e epistemológico, que a panóplia de vivências e revivescências cristaliza, e como local de peregrinação para os não romeiros migrantes que, depois de por ela deambularem, a deixaram sem, afinal, a deixar: na verdade, não se pode abandonar a Ilha, porque a Ilha não é consentânea com o abandono, ressaltando o caso dos aculturados que de tenra idade a renegam. Um caso flagrante é o de Adriano, que, protagonista de palmo e meio da novela epónima de Onésimo Teotónio Almeida, rejeita, à revelia dos progenitores, o espaço insulano onde foi concebido e nado: “Os Portugueses são estúpidos. O meu sangue já é todo americano. (...) Eu preferia não saber português. Estou mesmo a tentar esquecer-lo. Ainda bem que sou da Terceira e não de S. Miguel.” (ALMEIDA, 2000: 184-185).

Não parece despiendo, neste contexto, um tentame de análise, sucinta que seja, do diálogo multifacetado entre duas línguas, duas culturas e duas mentalidades. A este propósito, opina o migrante ficcional de Cristóvão de Aguiar, pelo escritor demiúrgico nomeado o Manhó dos Mechins, que “do que se precisa é de *mónim*”; refere, de seguida, a abundância de alimento em lata definitória do Novo Mundo: “(...) comidas encanadas, *intance*, é de se louvar tanta lataria em riba daquelas prateleiras”; alude, por fim, à condição social da mulher que “não fica em casa fazendo o *de-comerinho*, vai mas é para o *chape* trabalhar” (AGUIAR, 2015: 57). A nível linguístico, torna-se óbvia a linguagem mascateada, nem dialeto nem idioleto, procedente do hibridismo de duas línguas que importa fundir, porquanto “o raio da língua americana é uma coisa destemperada” (*idem*: 30). Todavia, o reverso da medalha também é visível:

“Volto à Horta, para uma sessão de leitura, e há um senhor a dormir na segunda fila. [...] Explicar-me-ão mais tarde que se trata de um canadiano, há alguns anos sediado na ilha. Todos os dias faz algum esforço para aprender alguma coisa de português e logo se enfurece porque continua sem perceber uma palavra dessa língua estúpida e impossível.” (Neto, 2016: 23).

Relativamente à adulteração linguística, já anteriormente mencionada, atente-se, por exemplo, nos seguintes lexemas: *mechim* por “machine” (máquina) – deformação

fonética; *mónim* por “money” (dinheiro) – deformação fonética; *intance*, por analogia com “entonces” e “então”; *chape*, por analogia com “shape” (onde se molda), com “to shape” (tomar forma) e, provavelmente, com “chapa” (oficina).

Outros estrangeirismos, podendo ser respigados no “Glossário” de *Raiz Comovida* (AGUIAR, 2015: 469-473), atestam o “code-switching”, ou seja, a formação sistemática de palavras e respetivas variantes a partir de uma língua hegemónica, a subsequente adaptação ao sistema morfológico e fonético da língua materna e a sua integração no sistema português, conducente a um inegável enriquecimento lexical, como é o caso de “açucrim” (ice-cream) – gelado; “ailende” (island) – ilha; “alvarozes” (over-alls) – calças de ganga com peitilho; “baicicla” (bycicle) – bicicleta; “bia” (beer) – cerveja; “choa” (sure) – com certeza; “gadème” (god damn you) – caramba, com os diabos; “gama” (bubble gum) – pastilha elástica; “gueranuei” (get out away) – daqui para fora; “pinche” (pitch) – escuridão, breu; “pinote’s” (peanuts) – amendoins; “Porigui” (The Portuguese) – Os Portugueses; “roqueira” (rocket) – foguete; “snó” (snow) – neve; “suera” (sweater) – camisola de lã; “tafaia” (the fire) – o fogo. Neste contexto, não parece ilícito transcrever alguns versos de um poema de Vasco Pereira da Costa, inserido em *My Californian Friends*, glosando a estória de vida de Manuel da Prainha do Pico: “Tem lindo home que ele próprio ergueu./Back yard living room kitchen com talaveja./Na garage uma van. Tem muito de seu./E a mesa farta para que farte e se veja. [...] Mas pensa em comprar a Companhia/Do boss – retired já e podre de rico./ (...)”. Cumpre, nesta ordem de ideias, assinalar que até os açorianos não migrantes adotam esta linguagem popular, ausente dos centros urbanos, talvez porque os referentes entressonhados, pela via de um exotismo confesso invadindo pelo desvio o padrão linguístico português, tenham, em dado momento ou tempo recuado, constituído novidade em certas freguesias: se assim não fosse, como justificar a recorrência de “freijoeira” (“mot-valise” a partir de “refrigerator” e “geleira”) e “talaveja” (neologismo derivado de “television” e “televisão)?

Na sequência desta “língua franca”, passível de contaminação dos ilhéus pelos luso-americanos, poder-se-á aventar a legitimidade de uma “literatura de migração”, capaz de “ouvir e interpretar a música desta lira que é a SAUDADE”? (FILIPPI, 1981: 114). Não será a saudade, destilada em voos de lirismo, a outra vertente que, a par da sátira, nomeadamente social, configura o fenómeno migratório, tendo em conta, segundo Judite Jorge, que “Havia de tudo na emigração açoriana”? (2001: 52). De salientar, nesta conjuntura, que a caricatura do migrante não é generalizada, englobando

apenas um certo tipo de “calafona”: o que, esquecido da sua origem, patenteia, num regresso apoteótico, uma superioridade balofa, alicerçada não raro num progresso isento de aprendizado intelectual, uma arrogância inusitada, assentando arraiais num pseudodireito entrementes conquistado, e um falacioso triunfo materialista, delineado pela ambição negativa, porque desmedida, pelo ganho fácil e/ou lucro iminente. Nem sempre, contudo, se alcança o êxito, não raro vazado no culto da aparência, na irrisória ostentação e na delapidação financeira ou dispêndio não parcimonioso: “Há aqui [na América] famílias que vieram das ilhas que só têm dívidas e pouco mais” – informa a mãe do protagonista de *Trasfega*. E acrescenta a este desabafo a definição cabal do dilema inerente à migração: “(...) o emigrante arranja uma doença séria: custa-se a sair de cá, tem saudades da sua Ilha, e vive neste balancé, sem saber muito bem o que quer e assim se acaba nesta inquietação.” (AGUIAR, 2003: 21). Não recriará esta asserção uma situação triangular de matriz edipiana?

Tal desassossego procede da saudade: este sentimento lusitano, ao pôr em contacto a vida atual com a vivência de antanho, enfatiza o desejo e a lembrança (PASCOAES, 1913: 45), caracteriza-se por “um certo quê de sentimento”, ao deter um elemento representativo e um outro volicional (SÉRGIO, 1913: 97), afirma-se, não como uma mera palavra, mas como uma categoria de espírito (TABUCCHI) e, identificando-se com o sopro de poesia (MECKEL), gera quer a impaciência, a melancolia, o anelo de romper entraves e o de agir sem objetivo, quer o “sofrimento físico e moral com que o emigrante paga a riqueza ‘regeneradora’ da pátria ausente”, como assevera Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* (2013: 124). Fruto da ausência presentificada, a saudade alimenta a fatalidade que subjaz ao *entre* dois mundos, atíça a ilusão fáustica da largada/estada do migrante Prometeu, sempre agrilhado, e reaviva o exílio quase ovidiano de uma *insula* nem sempre honrada. Com efeito, em “Trasfega”, o pai do narrador (Fernando), depois de haver excomungado a Ilha, sente ânsia de a ela regressar, revivendo “os seus bocadinhos de distracção, à noite, no Canto da Fonte, na conversa com os amigos (...)” (AGUIAR, 2003: 21). Numa outra novela do florilégio em exegese, intitulada “Domingo”, o narrador, assumindo pertencer a um “outro mundo mais solar e mais preguiçoso”, invetiva a América a ficar “com o seu amor ao trabalho e ao dinheiro, dois deuses menores que se implantaram no pensar, agir e sentir das pessoas.” (*idem*: 88). Quanto a Ti Perpétua (personagem já referenciada de *Raiz Comovida*), ele torna-se mestre, a fim de minorar o degredo, em ressuscitar oniricamente a Ilha mediante o “botão de sonho” premido pelo som insular da grafonola

(2015: 316). Transitando para *My Californian Friends*, torna-se o leitor, cúmplice do sujeito poético, testemunha da saudade que assola “O Pescador de San Diego” e o Matateu. Enquanto o primeiro traz “os olhos de mar marejados/da negra montanha dum outro mar/cinzas do Pico névoas dos cerrados/o sal-alma das águas a sulcar.” (COSTA, 1999: 3), o segundo, condutor de autocarros e nostalgias, confessa que tem saudades “em barda” da sua terra natal: “E molham-se os versos do que ele me disse” (*idem*: 9). Ainda neste contexto, confessa Marcolino Candeias, no “Poema da Saudade Ardente”, “que estou tentando morrer de saudade” (2002: 25-26).

Convém, no entanto, visitar outro tipo de migração, a interior, não implicando mobilidade e circulação, não carreando hesitação/indecisão (ainda o ritmo binário...) de cariz dialógico e/ou conflituoso, não veiculando distanciamento geográfico e lonjura afetiva, mas propiciando a osmose de dois hemisférios, como afirma Cristóvão de Aguiar, detentor da sua “Ilha de Dentro”.

Algumas conclusões podem desde já ser aventadas. Partindo da definição do imaginário como um sistema coerente e dinâmico de produções mentais e textuais alicerçadas em imagens visuais (a fotografia que vinha do Novo Mundo), linguísticas (o baú como metáfora da fatura) e literárias (a representação do migrante na poesia e na narrativa), parece legítimo concluir que a mitanálise americana constitui a etapa inicial da migração ou, mais bem dito, uma fase pré-migratória. Assim sendo, e não descurando a secularidade do fluxo migratório – que Nuno Costa Santos, em *Céu nublado com boas abertas* (romance de “título meteorológico” dado ao prelo no ano em curso), considera uma “fatalidade açoriana de muitas décadas, várias vezes vencedora, outras falhada”? (2016: 96) –, à qual presidem as razões elencadas, intentámos realçar o paradigma tradicional, responsável pela fundação das primeiras comunidades portuguesas em solo americano. Ao privilegiar a figura do luso-americano da ficção, secundarizando os Americanos e Canadianos de ascendência portuguesa, próxima e remota, foi nossa intenção enfatizar a especificidade do fenómeno vivido pelas primeiras levas de migrantes e posteriormente descaracterizado pela globalização. Nesta ordem de ideias, não nos debruçámos sobre os Açorianos que detêm na América e no Canadá inegável prestígio, como é o caso do ator Paulo Moniz de Sá, que, vivendo em Vancouver, foi escolhido para um filme de Steven Spielberg (“O Bom Gigante Amigo”) e cujo testemunho não hesitamos em transcrever: “Apesar de ter vindo para o Canadá quando era muito novo, São Miguel continua a ser uma parte daquilo que sou. É a minha herança.” (*DN*, 2016:41). Não nos quedámos, igualmente, sobre a generosidade

do migrante, simbolizada por uma personagem de Dias de Melo, Francisco Marroco, que, chegando à Ilha, é financeiramente solicitado, assediado e espoliado pela gerência da Companhia Baleeira, pelos ‘mordomos’ da Irmandade do Espírito Santo e pelo Banco da Nossa Senhora da Vida... Optámos, antes, por explorar o drama existencial do ilhéu: por um lado, o chamariz da “dolazinha”, a cultura do esforço e a ‘religião’ do trabalho num país mítico e desmitificado, que a sátira e o cómico revisitam através da caricatura do luso-americano territorializado; por outro, a lembrança, a saudade e o desejo de uma *insula* remitificada, que, mau grado as inovações paulatinamente introduzidas, insiste em manter os seus contornos brumacentos – “Se algo se mantém igual é Angra.”, escreve Joel Neto (*DN*, 2016: 24) –, enleando o migrante desterritorializado. Afinal, “esta desterritorialização relaciona-se [...] com atitudes de racismo, rechaço, discriminação por parte de certos indivíduos e/ou comunidades como resultante de sua identidade racial, étnica ou origem territorial.” (ALMEIDA, 2011: 140). Num meteórico périplo diacrónico, revisitámos o salto clandestino dos baleeiros, a chegada das malas rescendentes da América e o leque de emoções (bem como dos sentimentos nelas ancorados) espoletados pela migração. Hoje, porém, os ex-baleeiros “pescam atum e calçam sapatos de ténis” (TABUCCHI, 2010: 176). Do mesmo modo, as proezas do antigamente relativas à derrota e vitória sobre adversários de peso e porte (as baleias) foram relegadas para os museus e arquivos, quais cronótopos míticos ou lugares de memória para deleite de estudiosos e turistas. Por seu turno, os baús incensados, oriundos do continente mítico, arrancam, quiçá, um sorriso aos novos migrantes, que a ingenuidade perdida e o incremento do progresso justificam à saciedade. Quanto à miragem das cidades de papel, “Batefete” e “Forrível”, ela foi delida pela hegemonia da língua inglesa que, universal, as reintegrou na cartografia. Se ainda resta algo do que foi e já não é, essa réstia é, sem dúvida, o linguajar mascavado que, sobremaneira em zonas rurais, as gentes açóricas salvaram do olvido e que Poetas e Escritores, numa homenagem contra o esquecimento, vão orgulhosamente perpetuando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Cristóvão de. 1994. *Passageiro em Trânsito*. Lisboa: Salamandra.
- AGUIAR, Cristóvão de. 2003. *Trasfega*. Lisboa: Dom Quixote.
- AGUIAR, Cristóvão de. 2007. *A Tabuada do Tempo. A lenta narrativa dos dias*. Coimbra: Livraria Almedina.
- AGUIAR, Cristóvão de. 2015. *Raiz Comovida*. Porto: Afrontamento.

- ALMEIDA, Maria Geralda de et al. 2011. *Territorialidades em territórios mundializados. Migração – Múltiplos Olhares*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. 2000. *(Sapa)teia Americana. Contos*. Lisboa: Salamandra.
- BALINT, Michael. 1959. *Thrills and Regressions*. Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis.
- BETTENCOURT, Urbano. 1999. *O Gosto das Palavras III*. Lisboa: Salamandra.
- CANDEIAS, Marcolino. 2002. *Na Distância deste Tempo*. Lisboa: Salamandra.
- COSTA, Manuel Tomás Gaspar da. 2015. *O Pintor Excessivo*. Lisboa: Edições Parsifal.
- COSTA, Vasco Pereira da. 1999. *My Californian Friends. Poesia*. Gávea Brown: Palimage Editores.
- FILIPPI, Sergio. 1981. *A Saudade (Apontamentos para um Estudo)*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- GARCIA, José Martins. 1987. *Contrabando Original*. Lisboa: Vega.
- GRINBERG, Léon – Grinberg, Rebeca. 2004. *Migração e Exílio. Estudo psicanalítico*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- JORGE, Judite. 2001. *Afectos de alma*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LOURENÇO, Eduardo. 2013. *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do Destino Português*. Lisboa: Gradiva.
- MECKEL, Christoph et al. 2001. *António Tabucchi: geografia de um escritor inquieto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MELO, José Dias de. 2008. *Mar Rubro*. Ponta Delgada: Ver Açor.
- NETO, Joel. 2016. *oh minha cidadezinha de bolso querida*, “Diário de Notícias”, 23.
- PASCOAES, Joaquim Vasconcelos. 1913. *O Génio português*. Porto.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. 2015. *Das migrações às interculturalidades*. Porto: Afrontamento.
- SANTOS, Nuno Costa. 2016. *Céu nublado com Boas Abertas*. Lisboa: Quetzal.
- SÉRGIO, António. 1913. *Epístolas aos Saudosistas*, “A Águia”, 21, 97.
- TABUCCHI, Antonio. 2010. *Viagens e Outras Viagens*. Alfragide: D. Quixote.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. 2003. *L’imaginaire*. Paris: Puf.

Anexo 1 – ENTREVISTA AO ESCRITOR CRISTÓVÃO DE AGUIAR (concedida no dia 6 de maio de 2016)

R.G.: Explora na sua obra a migração dos Açorianos para a América. Quais as razões que ditaram e ditam este fluxo migratório?

C.A.: “Desde menino e moço, e já muitos anos antes de mim, o fenómeno emigratório foi sempre considerado como uma válvula de escape. Lembre-se que o primeiro historiador micaelense, Dr. Gaspar Frutuoso, dá já conta, nos séculos XVI e XVIII, de alguns casais que emigram de S. Miguel e de Santa Maria devido à carestia de vida causada por cataclismos vulcânicos. Até aqui, carestia de vida e fenómenos telúricos como causas imediatas para a saída; depois, a enorme densidade populacional... A partir de 1900, a densidade populacional nas ilhas chegou a atingir, em 1950, 210 hab /Km². Poucos anos mais tarde, e devido a fenómenos telúricos, como o do Vulcão dos Capelinhos (1957), foram abertas as portas da emigração, tendo atingido nos anos subsequentes uma densidade quase irrespirável: de 188,9 hab/ por Km². Ter-se-á de sublinhar que, sendo o açoriano um emigrante em devir, se manteve nessa condição toda a vida. Foi ele o primeiro emigrante, e quando alguém ganha esse estatuto, nunca mais se livra do labéu.”

R.G.: Será lícito falar, a respeito do confronto e diálogo entre duas culturas, de uma fusão de novas formas estéticas? E linguísticas?

C.A.: “As pessoas de primeira geração que emigraram eram quase analfabetas. Nem a sua língua de origem sabiam como é dado, quanto mais a que era falada no país de acolhimento. Deviam ter penado muito! Por isso, creio não ser ainda lícito falar de uma fusão de novas estéticas e linguísticas. Mais tarde, sim, quando alguns da segunda e terceira geração deixam de falar (bem) a língua materna e entram nas escolas...”

R.G.: Como define a sua experiência na América? Em que medida esta vivência influenciou a sua produção romanesca?

C.A.: “A minha vivência na América não foi suficientemente longa para influenciar a minha produção romanesca. Ia lá muitas vezes passar férias com meus pais e irmãos (todos de 1.^a geração) e ficava-me por aí. Se vos disser que a “bagagem” que adquiri de muito falar “mascavado”, nem *amarcano*, nem português, foi na Ilha que o aprendi, por intermédio das cartas que vinham da América e que me pediam para ler, talvez nem acreditem... Minha Avó, que nunca havia ido à América, pedia-me muitas vezes: “Vai-me buscar um *peil* de água...” Só custou a primeira vez. A partir daí, já sabia que era um balde de água... Até que um dia...Estava a estudar inglês para um exercício e apareceu-me a palavra *pail*... Era mesmo o tal balde, fui conferir ao dicionário!”